

dessa cidade" seu nome que o leitor acaba por não saber qual é. Encarna - pena que de forma um tanto óbvia - a necessidade de amor e de poesia no mundo impessoal e árido dos grandes centros urbanos. A sombra das madrastas, sempre a perseguir a vida tanto das Alices "que não moram no País das Maravilhas", quanto das que povoam as cidades, vê-se desmanchada pela incursão na escrita. O "Striptease em público?", despretensiosamente feito entre narrativas e diálogos, vai tecer nova fábula, contemporânea de Conselhos de Classe, orientadoras, Drs. Freuds, grilos e beijos em festa junina.

Conseguem conviver com os contos diversos tipos de leitores. Os que "trafega(m) naquele território indefinido entre as graças perdidas da infância e os novos charmes da adolescência". As Alines, bem intencionadas e utópicas, que trazem "novidades no antiquário", ao remexer candidamente na compreensão (im)possível entre gerações. E também qualquer outro a quem os temas, em suas variações, por certo não de interessar. Todos aqueles que quiserem abrir as "gavetas de sonho" oferecidas pela ficção de Alair Alves de Carvalho.

Maria do Carmo Lanna Figueiredo

BOAVENTURA CARDOSO.

O signo do fogo.

Porto: Edições Asa, 1992.

O romance organiza-se em torno de um processo de simbolização onde o universal se abre a matizações inerentes ao caráter nacional de Angola. Sob o "signo do fogo", Hefestos (ou Vulcano) - o ferreiro da mitologia clássica - tem o seu fogo simbólico transferido da ilha de Delos (ou Delfos) para esse país. O fogo é de autoconhecimento e se associa à práxis revolucionária dos angolanos na construção de sua nação.

Em Homero, Hefesto - o deus da forja divina - é um civilizador, como a deusa Atenas. Ele contribuiu para o desenvolvimento dos homens (obra do rebelde Prometeu) ao ensinar-lhes o trabalho, a técnica. Criou, dessa forma, a possibilidade de se lhes eliminar a miséria e a ignorância. Entretanto, Hefestos não foi cantado, na Antigüidade Clássica, pelos nobres, poetas, artistas e filósofos gregos. Eles viam sua imagem associada em demasia ao trabalho, por isso preferiram festejar Atenas, divindade mais ligada ao espírito.

Hefestos foi celebrado pelos artesãos e é nele que Boaventura Cardoso vai buscar analogicamente o "signo do fogo" de sua escrita. Nessa "forja" de palavras, interseccionam formas do imaginário clássico com aquelas da tradição de Angola, tal como

essas formas são imaginadas e sentidas pela intelectualidade desse país. E assim a forja perde características divinas da tradição clássica para atualizar-se no maravilhoso do texto de ficção de Boaventura Cardoso. Nesse maravilhoso - que tem como referente o chão angolano - as substâncias (as que têm substância) se misturam, sem barreiras, inclusive de natureza étnica.

Nesse sentido, não deixa de ser curiosa a aparição de uma personagem feminina - Clímene, de cor vermelha -, sem a polarização branco/preto. Ela era da "raça do fogo". No repertório mitológico clássico, há muitas versões para a personagem Clímene (seu nome pode recobrir, inclusive, personagens diferentes). Clímene, entretanto, sempre aparece ligada ao campo sêmico do fogo - associada a Hefestos e a Prometeu. De acordo com uma das versões, Clímene foi esposa de Hélios (o Sol) e a amorosa mãe de Faetonte, que criou os etíopes (negros).

Em *O signo do fogo*, esses dados mitológicos são apropriados para, na "forja" da escrita, marcar a assunção da nacionalidade. Não se trata do nascimento neoplatônico de Vênus, tal como foi imaginada na célebre pintura de Botticelli, mas de um dos epítetos dessa deusa: Anadiômena. A figura sensual feminina foi assim comutada - no plano simbólico do romance - por um navio grego que tem o seu nome. Como se sabe,

Vênus apaixonou-se por Marte, o deus da guerra, com quem teve filhos, e se casou com Hefestos. Logo, ela é personagem onde o "fogo" do amor associa-se ao "fogo" da guerra. No romance, Anadiômena (Vênus), não aparece do lado colonial (tal como ocorre em *Os Lusíadas*): o navio grego traz de Delos o fogo da revolução (armas).

Do mítico ao maravilhoso, processa-se, dessa forma, analogicamente, a efabulação de *O signo do fogo*. Na formação da nacionalidade - uma forja em ebulição -, o romance tem como seu principal ator a personagem *Guima*(rães) - uma estratégia discursiva paradigmática de sua efabulação. O caldeiro da escrita de Boaventura Cardoso, ao fundir nacionalidade colonial no principal agente anticolonial. Essa personagem é líder da resistência angolana, organizada em torno da associação cultural dos "bota-fogos".

Para forjar a transformação, era necessário o fogo de Hefestos. O fogo simbólico modela caracteres e cria o próprio país. Sob seu efeito, a população dos musseques de Luanda desloca-se imperceptivelmente para a ilha do Mussulo, próxima a essa cidade. Lá, os trabalhadores celebrarão o deus do fogo, através de jogos (não os olímpicos, mas de futebol) - um espaço de disputa e de conagração. Nesse local (marítimo) os novos artesãos do fogo receberão as armas

enviadas por Anadiômena, desde Delos.

Com o fogo simbólico (autoconhecimento), os trabalhadores concentrados no Mussulo (protegidos por forças divinas) podem voltar para os musseques de Luanda, espalhando sua nova maneira de ser. Era Abril de 1974 - e tudo acaba por ser transformado pela forja maravilhosa. Uma forja angolana, entre muitas outras espalhadas pelo mundo, já que o fogo parte de Delos para todos os lugares onde Hefestos é cultuado.

Há em *O signo do fogo*, como se vê, marcado sentido de universalidade (como pode ser depreendido pelo recurso ao repertório clássico), que dialoga com situações próprias de Angola. É esse particular que provavelmente levou o narrador a reintroduzir Hefestos, um deus da periferia do Olimpo. Como na forja do artesão divino, a escrita de Boaventura Cardoso modela repertórios vários, levando o "fogo da fala" (título de uma de suas coletâneas de contos) ao romance. Se na tradição de seu país, as histórias eram contadas à beira da fogueira, a escrita de seu romance - a partir dessa base genética - procura ir além. Como diz o narrador no parágrafo final de *O signo do fogo*: "E então Tutuxa e Clímene vieram na praça. E viemos também nós, eu e nós, Alfa e Ômega, vem Hefestos e, festivos, saltamos a fogueira".

Benjamim Abdala Júnior

BRÉAL, Michel. *Ensaio de Semântica: ciência das significações*.

Trad.: Alda Ferrás et al. Coordenação e revisão técnica da tradução: Eduardo Guimarães
São Paulo: EDUC / Pontes Editores, 1992.

I - A obra:

Mesmo considerando que a Antigüidade não tenha sido alheia às questões do significado, foi somente no Séc. XIX que a Semântica se estabeleceu como um ramo lingüístico diferente da Etimologia, esta ocupada basicamente com a origem das palavras. Houve fases diferentes nos estudos empreendidos nesse século, mas pautaram-se todas por uma orientação histórica. Na concepção de Reisig (1825), por exemplo, havia leis que governavam o desenvolvimento do significado e seu estudo constituía o objeto da Sema-siologia que, ao lado da Etimologia e da Sintaxe, compunha a gramática das línguas. Numa visão clássica da matéria, admitia-se para o sentido uma trajetória determinada por causas externas independentes do falante. Por volta de 1883, Bréal publicou um artigo - "Les Lois Intellectuelles du Langage", in *Annuaire de l'Association de Études Grecques* - em que pressupunha ser a ciência das significações inteiramente nova, de domínio não explorado, e decidiu denominá-la Semântica.